

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E LETRAMENTO RACIAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DENTRO DO ENSINO MÉDIO DE PERNAMBUCO

Karen Maria de França Silva Lins ¹
Bruno Ferreira Freire Andrade Lira ²

RESUMO

Este trabalho busca investigar as relações étnico-raciais e as práticas de letramento racial, além de analisar como os estudantes de uma determinada escola do ensino médio da rede estadual de Pernambuco, entendem as desigualdades raciais e de classe, destacando as barreiras estruturais que perduram a história do estado, a propagação das disparidades sociais, sobretudo no ambiente escolar. A pesquisa se dá a partir de uma pesquisa-ação realizada em duas etapas, a primeira em um levantamento bibliográfico histórico e socioeconômico e a segunda com a realização de uma roda de conversas, analisando os desafios enfrentados por estudantes pardos, negros e de baixa renda em um sistema educacional ainda marcado por desigualdades enraizadas na cultura e nas instituições de ensino. Dessa forma, elencando maneiras de promoção de políticas públicas para justiça social, com foco nos desafios e possibilidades para a construção de uma educação antirracista, visando a garantia de direitos básicos e contribuindo para o letramento racial na escola e o desenvolvimento de consciência crítica e valorização identitária.

Palavras-chave: Ensino médio em Pernambuco; Letramento racial; Relações étnico-raciais.

INTRODUÇÃO

O trabalho investiga as relações étnico-raciais e as práticas de letramento racial em uma escola de ensino médio da rede estadual de Pernambuco, buscando compreender como os estudantes percebem as desigualdades raciais e de classe. Destaca-se que a desigualdade racial permanece um fator determinante na educação brasileira, evidenciada por dados do SAEB (2017), que mostram uma diferença significativa no desempenho entre estudantes brancos e negros. Mesmo com melhorias educacionais, estudantes negros continuam apresentando resultados inferiores, revelando a persistência do racismo estrutural.

No contexto pernambucano, as escolas ainda reproduzem hierarquias raciais e sociais

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco - UPE, karen.franca@upe.br;

² Professor orientador: Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bruno.ffalira@upe.br.



derivadas do processo histórico de escravização, o que exige práticas pedagógicas que reconheçam e enfrentem o racismo. Além disso, a desigualdade de classe também influencia o processo de aprendizagem, uma vez que estudantes de classes marginalizadas não têm acesso aos mesmos recursos que aqueles de classes mais altas. Contudo, mesmo entre estudantes da mesma classe social, a desigualdade racial permanece.

Diante disso, a pesquisa busca responder como estudantes do ensino médio compreendem tais desigualdades, enfatizando a importância do letramento racial como prática metodológica capaz de promover leitura crítica, fortalecer identidades e enfrentar desigualdades. O estudo foi conduzido em uma escola de referência situada no município de Paulista, na Região Metropolitana do Recife.

Assim, nos orientamos para esta pesquisa pela seguinte pergunta: Como os estudantes do ensino médio, de uma escola em Pernambuco, compreendem as desigualdades raciais e de classe? Logo, propõe-se a reflexão e discussão acerca do letramento racial nas escolas pernambucanas enquanto prática metodológica e de leitura crítica das relações raciais e do processo de construção identitário, que se mostra fundamental para o enfrentamento das desigualdades educacionais (Rodrigues; Oliveira, 2023; Cruz; Rosa, 2022). Não somente isso, o letramento racial possibilita uma compreensão de como raça e classe se colocam enquanto marcadores que se interseccionam, complexificando as desigualdades e hierarquizações sociais. Para isso, este trabalho realizou um estudo de casos em uma escola de referência em ensino médio no Município de Paulista, na Região Metropolitana do Recife, em Pernambuco.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa-ação, que permite analisar a realidade e intervir nela de forma colaborativa, seguindo ciclos contínuos de planejamento, ação, observação e reflexão (Tripp, 2005). O estudo foi realizado entre maio e julho de 2025 em uma escola pública estadual de Paulista-PE, envolvendo 15 estudantes do 2º e 3º ano do ensino médio, com idades entre 16 e 18 anos, todos autorizados por meio do TALE.

A investigação ocorreu no contexto do PIBID, que contribuiu para integrar teoria e prática na formação docente, possibilitando observar as demandas escolares e desenvolver ações sobre desigualdades raciais e de classe no ensino de Sociologia.

Como procedimento metodológico, foi realizada uma roda de conversa, recurso

dialógico e horizontal que favorece a escuta ativa, o compartilhamento de saberes e a construção coletiva do conhecimento (Oliveira & Gama, 2024). Tal abordagem reconhece que a produção de conhecimento é atravessada pelas identidades e experiências dos sujeitos.

Com base em Stuart Hall (2006), comprehende-se que a identidade é dinâmica e historicamente construída, influenciando e sendo influenciada pelas relações de poder. Assim, o processo educativo deve valorizar saberes situados e narrativas de grupos marginalizados, permitindo questionar discursos hegemônicos. Nessa perspectiva, a educação se torna um espaço de emancipação, ao reconhecer a diversidade identitária e epistemológica e romper com modelos monoculturais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), publicada em 2025 com apoio da Facepe e em parceria com UFPE e UFRPE, revelou o aprofundamento das desigualdades econômicas e étnico-raciais na educação básica de Pernambuco entre 2010 e 2019. Apesar da melhora geral nos indicadores de aprendizagem, estudantes brancos continuam apresentando desempenhos superiores aos estudantes negros, evidenciando o fortalecimento das disparidades educacionais. O estudo também aponta que as escolas reproduzem valores da cultura dominante, o que fragiliza a autoestima e o pertencimento de estudantes de grupos vulnerabilizados.

Essas desigualdades se explicam historicamente pela permanência das estruturas escravocratas no Brasil, onde a população negra segue enfrentando marginalização e racismo institucional. Autoras como Cida Bento (2022) destacam o “pacto narcísico da branquitude”, mecanismo social que mantém privilégios brancos e aprofunda desigualdades raciais, inclusive no ambiente escolar. A desigualdade racial, portanto, não apenas compromete o rendimento escolar de estudantes negros, como também contribui para evasão escolar.

Paralelamente, as desigualdades de classe influenciam fortemente o desempenho e as oportunidades educacionais. A partir do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu (1998), entende-se que a escola tende a valorizar repertórios culturais das classes dominantes, colocando estudantes das classes populares em desvantagem estrutural. O acesso à educação superior, por exemplo, é significativamente mais favorável para jovens das classes mais altas.

Assim, a trajetória escolar é profundamente marcada pelas desigualdades socioeconômicas e pela reprodução das heranças sociais

A análise conjunta de raça e classe exige uma perspectiva interseccional (Collins; Bilge, 2022; Akotirene, 2019), que revela como racismo e classismo se combinam para produzir experiências específicas de vulnerabilidade, especialmente entre jovens negros e periféricos. A interseccionalidade, portanto, é fundamental para orientar práticas pedagógicas e políticas públicas inclusivas.

Nesse contexto, o letramento racial surge como um instrumento pedagógico essencial para compreender e enfrentar as estruturas de poder racializadas. Ele vai além do ensino de leitura e escrita, formando estudantes críticos capazes de identificar e questionar desigualdades, reconhecer privilégios racialmente estruturados e desconstruir narrativas eurocêntricas. O letramento racial também atua na valorização das contribuições africanas e afro-brasileiras e no combate ao mito da democracia racial, conforme defende Kabengele Munanga (1999).

Assim, discutir desigualdades raciais e de classe na educação pernambucana é crucial para promover equidade, inclusão e justiça social. Somente por meio de políticas públicas comprometidas, práticas pedagógicas antirracistas e reconhecimento da diversidade cultural é possível transformar o ambiente escolar e ampliar as oportunidades para todos os estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa-ação deste trabalho foi desenvolvida em duas etapas. A primeira etapa foi realizada pela plataforma Google Formulários, onde os estudantes receberam o link pelo seu celular e responderam às perguntas para que fosse realizado um levantamento socioeconômico, no mesmo, também foram feitas perguntas sobre racismo, letramento racial e como a escola atua em relação à temática. Abaixo, temos algumas respostas dos estudantes acerca da temática na escola.

Tabela 1: Considerações dos estudantes acerca do racismo e representação na escola.

Só vejo os assuntos entrando em pauta quando é sobre uma data comemorativa, mas nunca nada aprofundado no tema ou assunto sobre a cor de origem ou a história cultural.

Me sinto bem representada de acordo com a matéria e o assunto que está sendo ministrado. Gosto bastante de quando falam sobre esses assuntos.

Não me sinto representado, na maioria das vezes. A não ser em algumas situações em que os professores citam algo em relação ao meu cabelo.





Nas aulas não percebemos nada, mas nos livros vemos que a maioria das imagens e gravuras são de pessoas brancas, mesmo a maior parte da população sendo negra.

Em relação a minha cor, tranquilamente.

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

O suficiente. Como uma moça branca, entendo que minha cor não me afeta em nada.

O pouco que a Escola representa sobre nós, o povo brasileiro, os miscigenados, me traz sentimento de orgulho de quem nós somos e ao mesmo tempo, um peso que tem por trás da história da miscigenação (como muitos sabem, em relação a época da "descoberta" do Brasil, muitas mulheres negras e indígena sofreram abusos pelos donos de Engenho e outros).

Sinto-me representado pelos livros e pelos conteúdos que temos na escola. Acredito que esse tema deveria ser abordado com mais frequência. No entanto, no dia a dia escolar percebo que muitos colegas acabam tratando isso com brincadeiras que, na verdade, nem deveriam ser chamadas assim. São comentários de mau gosto que acabam normalizando uma situação que é séria, tanto na escola quanto na sociedade. Apesar disso, através dos livros e de alguns processos dentro da escola, sim, eu me sinto representado.

Não me sinto, embora tenha muitas pessoas que foram muito importante para a história, a maioria que são retratados nos livros são brancos.

A representação é importante pois me sinto visto, há a sensação de pertencimento.

Acho muito impressionante porque podemos lembrar a força que tiveram pra deixa marca na história.

Quando se fala sobre os cabelos.

Me sinto bem.

Fonte: Pessoal. 2025.

Dois estudantes não souberam responder à essa pergunta. Mas ao se tratar das respostas dos estudantes negros, podemos notar que os estudantes não se sentem representados na escola por meio dos materiais didáticos e até mesmo das discussões em classe. A história sobre o povo brasileiro, que em sua maioria, é pardo e negro, é deixada de lado e a história dos brancos, colonizadores e suas culturas e costumes são estudados nas escolas. Como por exemplo, a resistência e luta dos povos africanos e afro-brasileiros por reconhecimento, identidade e direitos. Por anos, as escolas deixaram de lado a história de figuras como Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares, que representa a luta pela liberdade dos negros escravizados no Brasil. Também foram invisibilizadas as contribuições culturais, sociais e econômicas de povos africanos na formação da identidade brasileira.

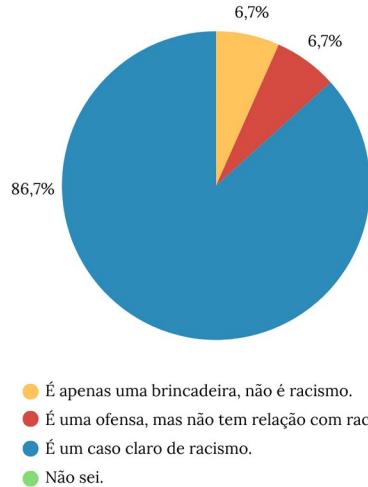
Segundo Bárbara Carine (2023), educadores e famílias têm papel fundamental na construção de uma educação antirracista desde a infância. O letramento racial deve ser iniciado cedo e de forma contínua, permitindo que crianças negras desenvolvam reconhecimento e orgulho de suas identidades. Assim, reforça-se a necessidade de uma educação que valorize a identidade negra e prepare estudantes para enfrentar o racismo dentro e fora da escola. Na segunda etapa da pesquisa, os estudantes analisaram cinco situações por meio de um estudo de casos. Confira abaixo:





Figura 1: Caso 1 do estudo de caso

1. Daniel é um estudante negro, durante o recreio, uma colega mostra a foto de um macaco e diz para ele: "feio igual você". O que você acha sobre isso?

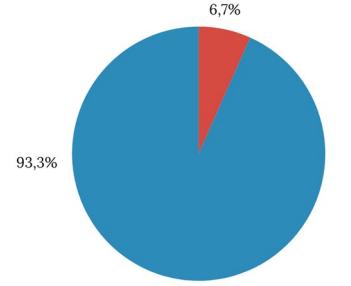


Fonte: Pessoal. 2025.

O texto destaca que o racismo mascarado de brincadeira é uma forma sutil e simbólica de violência presente no cotidiano escolar. “Piadas” sobre pessoas negras revelam a persistência de estigmas que sustentam o racismo estrutural. Essas práticas fazem parte do “dispositivo de racialidade” descrito por Sueli Carneiro (2023), que define mecanismos sociais que classificam e hierarquizam corpos segundo a norma branca. Assim, tudo aquilo que foge desse padrão é desvalorizado e transformado em motivo de ridicularização.

Figura 2: Caso 2 do estudo de caso

2. Elisa tem o cabelo crespo, entra na sala de aula com o cabelo solto e ouve de uma colega: “seu cabelo é de bombril, serve para limpar panela”. O que você acha sobre isso?



- É só uma opinião pessoal sobre aparência.
- É falta de educação, mas não é racismo.
- É uma forma de racismo relacionada à estética negra.
- Não sei.

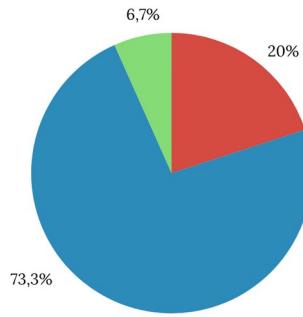


Fonte: Pessoal. 2025.

Assim como no primeiro caso, este segundo na figura 2, também nos faz pensar sobre a hierarquização dos padrões de beleza, sendo o negro o não ideal. O racismo e o preconceito contra cabelos negros têm suas raízes fincadas na estrutura social brasileira e refletem a herança do colonialismo e da escravidão. A estética eurocêntrica que foi imposta como o padrão reforça uma hierarquia racial em que os cabelos crespos e cacheados são frequentemente desvalorizados e estigmatizados. Sueli Carneiro (2023) escreve que o dispositivo de racialidade opera na construção do outro como não-ser, e isso se mostra também na rejeição ao corpo e à estética negra, como no caso, os cabelos.

Figura 3: Caso 3 do estudo de caso

3. Um professor sempre chama os alunos brancos pelo nome, mas chama os alunos negros por apelidos como “negão”, “moreninha” ou “neguinha”. O que você acha sobre isso?



- É carinho, não tem problema.
- É uma prática comum, mas não chega a ser racismo.
- É uma atitude racista disfarçada de brincadeira.
- Não sei.

Fonte: Pessoal. 2025.

Bárbara Carine (2023), enfatiza em seu livro *Como ser um educador antirracista*, que os educadores e também os familiares devem estar atentos às violências simbólicas que incidem sobre os estudantes negros, especialmente o que se diz respeito à aparência física. A autora sugere uma pedagogia da valorização da identidade, onde a estética negra seja reconhecida como símbolo de resistência, cultura e beleza.

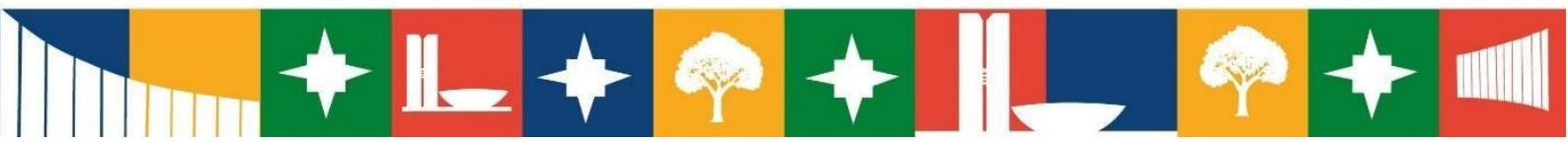
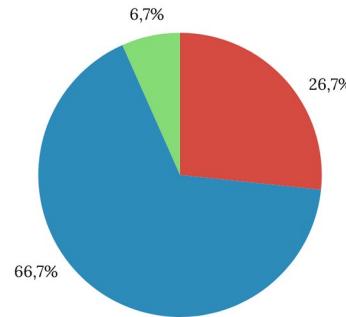




Figura 4: Caso 4 do estudo do caso

4. Durante a aula, João recebe uma carteira de trabalho fictícia com o cargo de pedreiro e um salário de R\$50,00 de um grupo de alunos que riem incessantemente da situação. O que você acha sobre isso?



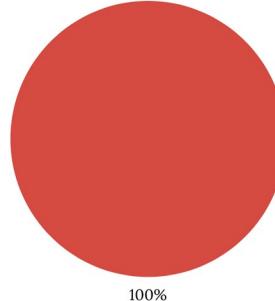
- É carinho, não tem problema.
- É brincadeira, mas não chega a ser racismo.
- É uma atitude racista disfarçada de brincadeira.
- Não sei.

Fonte: Pessoal. 2025.

O quarto caso evidencia o racismo recreativo, conforme definido por Moreira (2019). Os dados mostram que 26,7% dos estudantes consideraram a situação apenas uma brincadeira e 6,7% não souberam responder, revelando a insuficiência do letramento racial nas escolas pernambucanas. A interseccionalidade, segundo Akotirene (2019), é fundamental para compreender como o racismo se articula à desigualdade de classe, indicando que as violências não atuam isoladamente, mas se somam e afetam de forma profunda o estudante hipotético analisado.

Figura 5: Caso 5 do estudo de caso

5. Um segurança de uma loja segue dois estudantes negros da escola enquanto eles olham os produtos, mas ignora outros alunos brancos que entram depois.



- É normal, o segurança só está fazendo o seu trabalho.
- É uma forma de racismo baseado em estereótipos.
- Não é racismo, é prevenção.
- Não sei.



O caso descrito evidencia o racismo estrutural ao naturalizar a suspeição sobre corpos negros, conforme explica Sueli Carneiro (2023), que aponta o dispositivo de racialidade como responsável por construir a pessoa negra como ameaça diante da norma branca. Essa prática não é isolada, mas resultado de uma lógica social que associa negritude à criminalidade. Além disso, a situação se agrava pela interseccionalidade entre raça, classe e idade, já que jovens negros, especialmente de contextos populares, tornam-se alvos de vigilância excessiva devido a estigmas historicamente construídos (Akotirene, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar criticamente como raça e classe atuam de forma interseccional na reprodução das desigualdades educacionais em Pernambuco, destacando o papel do letramento racial como estratégia pedagógica para enfrentar o racismo estrutural.

A partir das contribuições de autoras e autores como Sueli Carneiro (2023), Carla Akotirene (2019), Djamila Ribeiro (2017, 2019), Nilma Lino Gomes (2005, 2017, 2023), Bárbara Carine (2023, 2024), Cida Bento (2022), Pierre Bourdieu (2001), Lélia Gonzalez (2020) e tantos outros nomes que buscam compreender as relações estruturais e étnico-raciais, foi possível compreender que o racismo não é um fenômeno isolado, tampouco uma experiência individual, mas sim, um complexo sistema que atravessa instituições, saberes, práticas cotidianas e, acima de tudo, pessoas.

A interseccionalidade, conforme desenvolvida por Akotirene e já antecipada por Gonzalez, mostrou-se essencial para entender como raça e classe se articulam para produzir desigualdades específicas no campo educacional. Reflexões de bell hooks e Bourdieu evidenciam que a escola continua a reproduzir desigualdades, mas também pode se tornar um espaço de resistência por meio de práticas pedagógicas libertadoras e antirracistas. As contribuições de Bárbara Carine reforçam a importância da valorização das identidades negras e da formação docente crítica.

Os dados coletados na escola pernambucana, juntamente com o estudo da Fundaj (2025), confirmam a persistência das disparidades entre estudantes brancos e negros no acesso e permanência na educação, além da naturalização de práticas racistas, como o racismo recreativo. Assim, destaca-se a urgência do letramento racial como ferramenta política e

pedagógica para reconhecer, denunciar e enfrentar o racismo, promovendo a igualdade racial e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, Lda, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Brasília: MEC/CAPES, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/programas/pibid>>

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista: para familiares e professores**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CARINE, Bárbara Carine Soares Pinheiro. **Querido estudante negro**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

CARNEIRO, D; SHIRASU, M; IRFFI, G. **Identificando a discriminação racial pelo diferencial de desempenho dos estudantes do Ensino Médio**. Revista de Economia Política. 2023. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rep/a/BnFsqgB94FpX7MqzS7zKWMD/>>

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHO, Anna Rachel M. de et al. **Formação docente e o PIBID: experiências e reflexões**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rogério Bettoni. Rio de Janeiro: Boitempo, 2022.

CRUZ, Daiana da; ROSA, Ana Paula. **Letramento racial e educação antirracista nas produções de alunos(as) do ensino médio**. *Revista Uniletras*, v. 44, n. 2, p. 1–19, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/14995>>

FIORENTINI, Dario (org.). **Estágio e iniciação à docência: PIBID e outras experiências**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Pesquisa aponta distorções entre negros e brancos na educação**. Folha de Pernambuco, 31 de maio de 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias-1/pesquisa-da-fundaj-revela-aprofundamento-da-desigualdade-social-e-etnico-racial-na-educacao-basica-de-pernambuco>>

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Pesquisa da Fundaj revela aprofundamento da desigualdade social e étnico-racial na educação básica de Pernambuco**. Recife: Fundaj, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias-1/pesquisa-da-fundaj-revela-aprofundamento-da-desigualdade-social-e-etnico-racial-na-educacao-basica-de-pernambuco>>





GATTI, Bernardete A.; BARRETO, Elba S. S.; ANDRÉ, Marli E. D. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Educação para a igualdade racial: da intenção à prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Estudos e pesquisas sobre educação, raça, gênero e diversidade sexual**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 44, e275110, 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Interseccionalidades pioneiras no feminismo negro brasileiro**. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). *Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro*. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Org. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. **Ensainando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Indicadores de Educação: Apresentação**. Brasília: IPEA, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/retrato/indicadores/educacao/apresentacao>>

MIRANDA, Maria Aparecida; MARTINS, Marilza de Souza. **Maternagem: quando o bebê pede colo**. São Paulo: NEINB/USP, 2013. (Coleção Percepções da Diferença, vol. 2). Disponível em: <<https://www.usp.br/neinb/?p=18>>

MOREIRA, Adilson José. **Racismo recreativo**. 1. ed. São Paulo: Pôlen Livros; Sueli Carneiro, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. **Roda de conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na pesquisa em educação**. *Revista Educação e Políticas em Debate*, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 1-14, mai./ago. 2024. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/71286>>

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista: para familiares e professores**. 1. ed. São Paulo: Editorial Planeta (Planeta do Brasil), 2023.

PINHEIRO, Leandro Rogério. **Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica**. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 31, e20190041, 2020. Disponível



em: <<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0041>>

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento; Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Francisca Marcela; OLIVEIRA, Cláudia Regina. **Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista.** Revista Ensino em Perspectivas, v. 4, n. esp., p. 1–17, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8869?utm_source=chatgpt.com>

SALATA, André Ricardo. **Desigualdade de resultados educacionais em meio à expansão do sistema de ensino: um estudo considerando o caráter posicional da escolaridade.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Porto Alegre, RS, Brasil. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/civitas/a/8wZBBRs43pSWHrmpDP8Pkgk/abstract/?lang=pt>>

SANTOS, Claudcir dos; VELHO, Bruna Marcos. **“Contrato racial” e representatividade negra: estruturas desafiadoras à uma educação antirracista.** Universidade Federal da Fronteira Sul. Secretaria Municipal de Educação Concórdia, SC, 2024. Disponível em: <<https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1875/1328>>

SILVA, Anair Araújo de Freitas; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ATAÍDES, Fernanda Barros. **Pesquisa-ação: princípios e fundamentos.** Revista Prisma, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 2–15, 2021. Disponível em: <<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/39>>

SILVA, Petronilha B. G. **Educação das relações étnico-raciais: desafios e perspectivas.** Brasília: MEC/SECADI, 2012.

SOUZA, Valquíria R. de. **O PIBID e a formação docente: percepções de licenciandos.** Revista Educação e Políticas em Debate, Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 372-388, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopolitica/article/view/63049>>

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443–466, set./dez. 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.55892/jrg.v7i17.1429>>